



Livros da Alice Oseman

SOLITÁRIO

RÁDIO SILÊNCIO

SEM AMOR



Novelas da Alice Oseman

NICK E CHARLIE

ESTE INVERNO



Bandas desenhadas da Alice Oseman

HEARTSTOPPER: VOLUME 1

HEARTSTOPPER: VOLUME 2

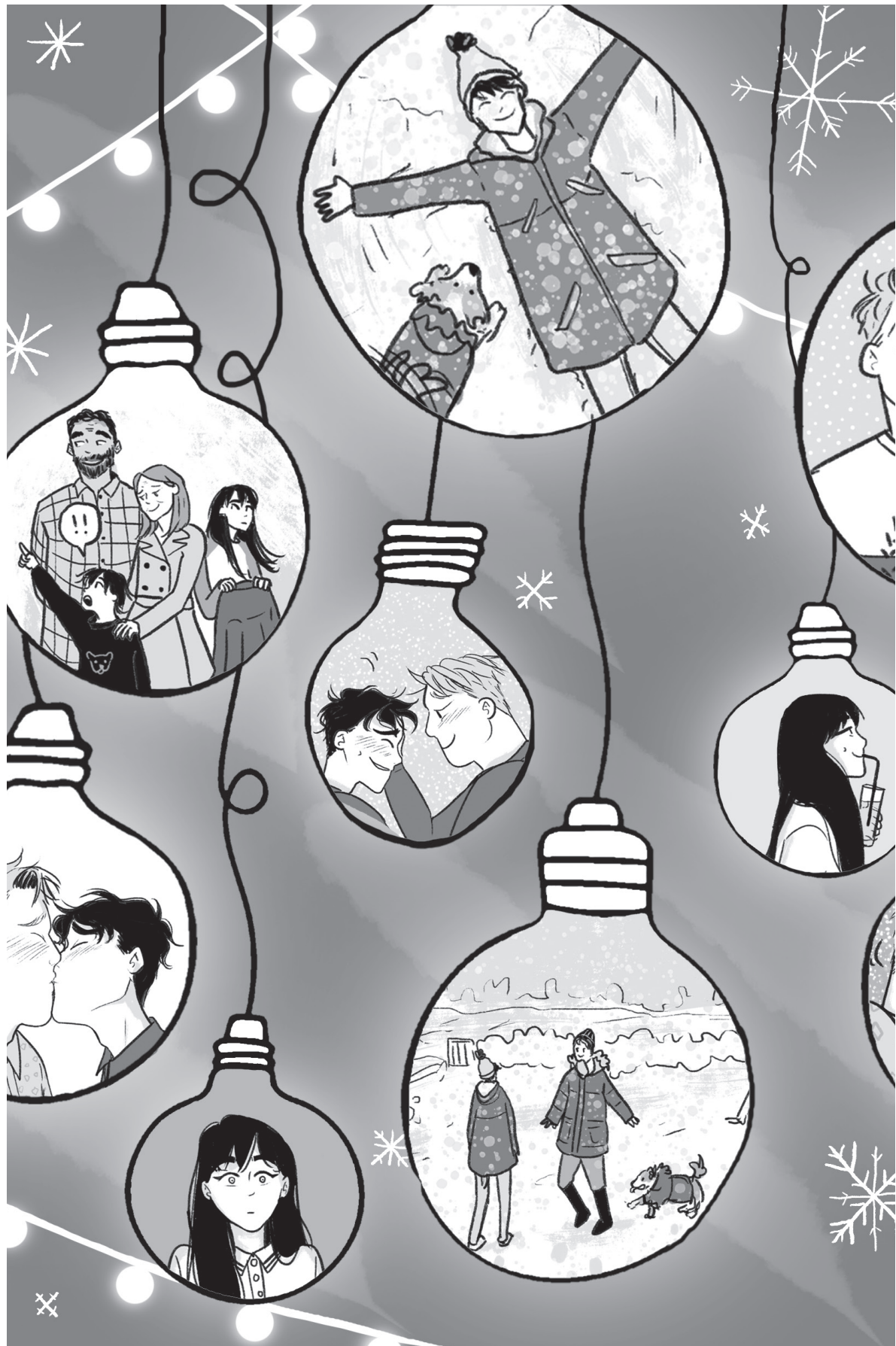
HEARTSTOPPER: VOLUME 3

HEARTSTOPPER: VOLUME 4

HEARTSTOPPER: VOLUME 5





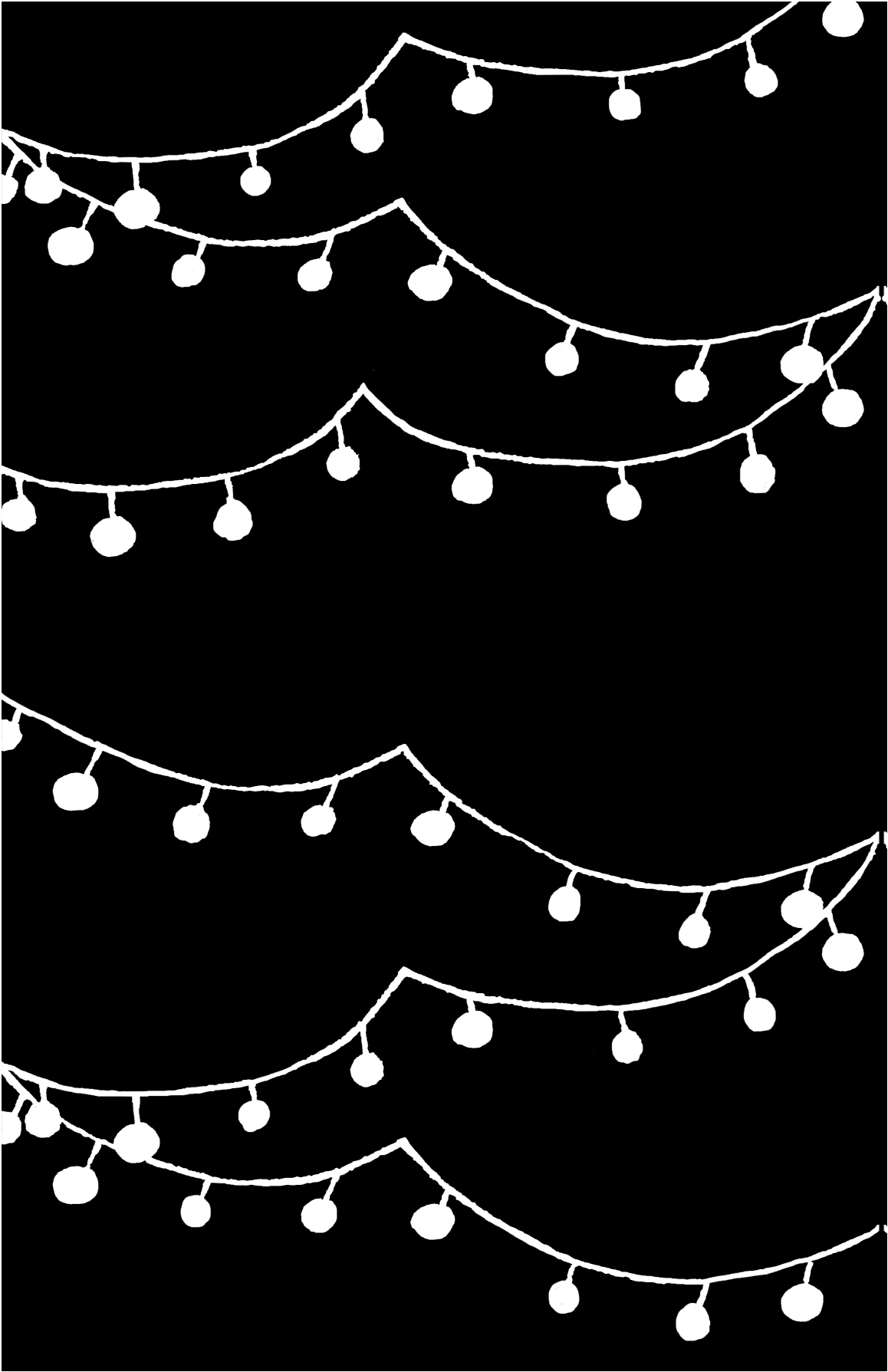


— É evidente — acrescentou Jane —, com base nisto,
que ele já não regressa mais neste inverno.

Orgulho e Preconceito, Jane Austen



Victoria Annabel Spring,
16 anos



Tori

Acordo duas horas depois de ter adormecido. Parece que, de ano para ano, as horas que consigo dormir na véspera de Natal têm vindo a diminuir, provavelmente porque a minha hora média de adormecer se atrasa cada vez mais devido ao meu preocupante vício na Internet. Talvez, com o tempo, acabe por deixar de dormir e me torne num vampiro. Seria boa nisso.

Mas não me vou queixar do meu padrão de sono agora, porque é Natal e este é o único dia do ano em que devia pelo menos tentar não reclamar de tudo. O que se torna difícil quando o teu irmão de sete anos te está a bater com uma almofada na cara às seis da manhã.

Digo algo do tipo «nãooooo» e escondo-me por baixo do edredão, mas isto não impede o Oliver de me seguir, arrancar as cobertas e rastejar para a minha cama.

— *Tori* — sussurra ele. — É Natal.

— Hum.

— Estás acordada?

— Não.

— Estás, sim!

— Não.

— *Tori*.

— Oliver... vai acordar o Charlie.

— A mãe disse que eu não podia. — Ele começa a mexer-me no cabelo. — Toriiiiiii...

— *Ugh*. — Viro-me e abro os olhos. O Oliver está totalmente coberto pelos cobertores, a olhar para mim, a contorcer-se de entusiasmo, o seu cabelo espetado como um dente-de-leão. O Charlie e eu já debatemos exaustivamente sobre como é possível que o Oliver seja da nossa família, tendo em conta que ele é a encarnação literal da alegria e nós somos ambos uns falhados miseráveis. Concluímos que ele deve ter recebido todos os genes da felicidade.

O Oliver tem um postal de Natal nas mãos.



— Porque é que tens um...

Ele abre o postal e uma versão repugnantemente alegre de *A Todos Um Bom Natal* começa a tocar diretamente no meu ouvido.

Resmungo e empurro o Oliver da cama com uma mão. Ele rebola para o chão e desfaz-se em risinhos.

— Tão irritante — murmuro, antes de me sentar e ligar o candeeiro da cabeceira, o que resulta num «YAY!» berrado pelo Oliver. Ele começa a dar voltas pelo meu quarto, abrindo e fechando o postal para que repita as duas primeiras notas, uma e outra vez.

O Natal na nossa casa não é mau. É descontraído. Calmo. O pai chama-lhe um Natal de primavera, o que ele acha hilariante. Abrimos os presentes quando acordamos, depois a família vem cá para o almoço de Natal e ficam até tarde, e é tudo. Jogo consola com os meus irmãos e primos, o meu pai embebedá-se sempre, o meu avô espanhol (o pai do meu pai) discute com o meu avô inglês (o pai da minha mãe) — tudo absolutamente fantástico.

Mas este ano não é bem um dia de Natal comum.

O meu irmão de quinze anos, o Charlie, tem um distúrbio alimentar. Anorexia. Tem-na há muito tempo, mas tem sido particularmente grave nos últimos me-

ses, e o stresse da situação levou-o a ter uma recaída de automutilação em outubro. Viveu fora de casa durante algumas semanas, numa ala psiquiátrica especializada em adolescentes com distúrbios alimentares, e isso ajudou imenso, mas continua a ser difícil. Como é óbvio.

Não acho que tenha havido uma razão para ele ter ficado tão doente. São coisas que acontecem, como as doenças ou o cancro. Por isso, a culpa não é dele. Na verdade, acho que a culpa de ele ter ficado tão mal foi provavelmente minha. Quando reparei que algo não estava bem com ele, não contei aos meus pais e não lhe perguntei o que se passava. Não falei com ele o suficiente. Não fiz o suficiente.

Mas não se trata de como me sinto. Nem sequer tem que ver com os meus pais. O Natal é uma época stressante para as pessoas com distúrbios alimentares, uma vez que a comida é uma parte tão significativa do dia, e eu sei que o Charlie se tem sentido ansioso por causa disso. Tem andado stressado a semana toda, discute com a mãe praticamente todos os dias e fecha-se no quarto.

Por isso, o dia de hoje é para apoiar o Charlie.

Pego no meu telemóvel, ignoro as notificações e respondendo à mensagem da Becky, a minha melhor amiga.

Tori Spring

(06h16) FELIZ NATAL. Agradece por não teres irmãos. Estou cansada. O Oliver atirou-me com uma almofada. Aproveita que podes dormir. Chau.

XXXXXXXXXXXXXXXXX

A mãe e o pai disseram que não os podemos acordar antes das 7h30. São 6h17. Levanto-me e abro as cortinas e dou com o mundo ainda escuro, tingido de amarelo pelos postes de iluminação da rua. Volto a deitar-me na cama e ponho o rádio a tocar. Pelo menos uma vez está a tocar uma música calma, em vez do *All I Want for Christmas Is You*. É agradável. O Oliver está a girar na cadeira da minha secretária e há um coro a cantar *Noite Feliz*, os meus olhos estão a fechar-se outra vez e agora o Oliver está sentado na minha cama comigo, o postal musical numa pilha de roupa no chão, são 6h29, 6h42, 6h55... O Oliver dá-me puxões delicados no cabelo, fala dos presentes que quer e se o Pai Natal comeu os biscoitos que lhe deixámos e eu murmuro qualquer coisa, não sei o quê, estou a adormecer...

E depois a porta do meu quarto abre-se outra vez.

— ... Victoria?

Acordo pela décima vez. É o Charlie, visível à luz fraca, parado à porta com uma camisola da *Adidas* azul-marinho e calças de pijama axadrezadas. Parece cansado, mas está a sorrir.

— Estás acordada?

— Não — digo. — Estou a ter uma experiência extracorporal. Sou apenas o meu fantasma.

O Charlie bufa e entra no meu quarto. Viro-me para o Oliver, que adormeceu no meu ombro, e dou-lhe um pequeno empurrão com o cotovelo. Ele acorda e vê o Charlie.

— O CHARLIE ESTÁ AQUI — grita, e sai disparado da cama em direção a ele, batendo nas pernas do Charlie e fazendo-o quase cair. O Charlie ri-se e pega no Oliver ao colo como se ele fosse um bebé, algo que faz pelo menos uma vez por dia, causando-lhe risadas.

— Uau, tu estás bem acordado, não estás?

— Já podemos ir lá para baixo?

O Charlie carrega o Oliver até à minha cama.

— Não, a mãe disse que era só às sete e meia.

— *Arrghhhh*. — O Oliver agita-se nos braços do Charlie e deita-se ao meu lado, aconchegando-se



imediatamente debaixo dos cobertores, e depois o Charlie senta-se ao lado dele encostado à cabeceira da cama.

— *Ugh*. Irmãos mais novos são irritantes — digo, mas também estou a sorrir. Enrosco-me debaixo do edredão. — Não podiam ter ficado na cama?

— Estamos só a fazer o nosso trabalho. — O Charlie sorri. — Estás a ouvir a Radio 4? Para quê tanta música de igreja?

— Acho que não consigo lidar com Mariah Carey a esta hora da manhã.

O Charlie ri-se.

— Eu também não. — Tal como o Oliver, tem o cabelo espetado à frente. Também tem olheiras roxas, e já não me lembro de como ele é sem elas. Fora isso, parece quase o mesmo de sempre, todo ele meigo e comprido.

— Só dormi tipo duas horas — digo.

— Eu também — diz ele, mas acho que a sua falta de sono se deve a razões diferentes das minhas.

— Quantos presentes é que o Pai Natal dá a quem tem sete anos? — pergunta o Oliver, que agora está de pé na minha cama e a pisar o edredão. Eu e o Charlie rimo-nos.

— Sete — diz o Charlie, assertivo. — O mesmo número de anos que tens de existência.

— Então... quando tiver oitenta, vou receber oitenta presentes?

O Charlie dá uma pancadinha no peito do Oliver e ele cai com um sorriso enorme.

— Só se te tiveres portado bem!

— Mal posso esperar para ter oitenta anos — diz o Oliver.

— Eu também — diz o Charlie.

É bom estarmos todos juntos outra vez. Era estranho, só eu e o Oliver e a mãe e o pai. O Oliver ainda é muito novo para eu poder conversar com ele, e não odeio os pais nem nada, mas também não me sinto muito próxima deles. A minha mãe tem esta coisa de evitar falar sobre tudo o que seja minimamente profundo ou emocional. O pai é igual, mas compensa com conversas constantes sobre livros. Damo-nos todos bem, mas sinto que nunca falamos de nada importante.

Eles ainda nem sequer gostam de falar abertamente sobre o distúrbio alimentar do Charlie, por mais que ele agora esteja a receber tratamento adequado. Pensei que as coisas podiam mudar; que podíamos começar a

ser mais abertos em relação a sentimentos e coisas do género.

Mas não é o caso.

— Consegues imaginar ser um *homem muito velho*?

— pergunta o Charlie, fazendo uma voz de idoso, e o Oliver ri-se, juntando-se a nós na cabeceira da cama. O sorriso do Charlie é contagiante.

Eles começam a jogar ao Eu Vejo. O dia de hoje vai ser difícil para todos, mas suponho que toda a gente tem dias difíceis. Costumava pensar que difícil era melhor do que aborrecido, mas agora sei que não é bem assim. Temos tido muitos dias difíceis nos últimos meses. Temos tido demasiados dias difíceis.

— Feliz Natal — diz o Charlie de repente. Inclina-se por cima do Oliver e encosta a cabeça à minha. Eu também me inclino um bocadinho, a minha cabeça no ombro dele. O rádio toca. Acho que o Sol está a nascer, ou talvez sejam apenas os postes de iluminação. Não vou pensar nos últimos meses, no Charlie e em mim, em toda a tristeza. Vou bloquear tudo isso. Só hoje.

— Feliz Natal — digo.

Tento não adormecer outra vez, mas ainda assim apago, a gargalhada do Oliver a soar nos meus ouvidos.

*

São dez para o meio-dia e eu e o Charlie ainda estamos de pijama, sentados no sofá a jogar a nova edição do Mario Kart. Foi um presente para o Oliver, mas ele está ocupado com a enorme quantidade de tratores de brinquedo que as pessoas lhe deram.

Os meus pais compraram-me um computador portátil novo e ao Charlie um telemóvel novo — coisas que ambos lhes tínhamos pedido. Eles não gostam muito de presentes surpresa. E embora eu e o Charlie nunca nos tenhamos empenhado muito em dar presentes, este ano comprei-lhe uma coluna Bluetooth para o quarto dele e ele comprou-me uma pasta para o portátil com a imagem da Wednesday Addams. Acho que ambos nos conhecemos melhor do que pensávamos.

— É impressão minha ou esta versão é mais difícil do que a anterior? — pergunto ao Charlie.

Ele tenta desviar o Baby Mario de uma curva, mas acaba por cair num penhasco.

— É mesmo. Eu costumava ser *bom* nisto.

Conduzo o Bowser diretamente contra uma árvore e caio para o último lugar.

— Achas que devíamos tentar a Rainbow Road?

— Não sei. Acho que a minha autoestima não vai aguentar.

— Uau.

Ele resfolega.

— Demasiado real?

Eu sorrio.

— Talvez.

— Meninos? — A mãe entra na sala. Está a usar o seu vestido de Natal, uma peça roxa que até é bastante bonita, e tem o cabelo encaracolado. Ela obriga-nos sempre a vestirmo-nos bem no Natal, como se fôssemos fazer mais do que ficar doze horas a molengar no sofá. Ela levanta as sobrancelhas para nós. — Vão vestir-se em breve?

O Charlie não diz nada, por isso eu respondo:

— Sim, daqui a nada.

— Não se demorem. Chegam todos daqui a meia hora.

— Sim, vamos só acabar este nível.

A mãe sai. Olho de relance para o Charlie, mas ele não desviou o olhar do ecrã. Acho que hoje ainda não discutiram, mas sinto uma discussão a aproximar-se. E não vou mentir, a mãe está a irritar-me um boca-

dinho. Tem andado muito irritadiça com o Charlie desde que ele chegou a casa, o que não está a ajudar ninguém. Se ela se limitasse a falar com ele de forma educada — tipo, perguntar-lhe como se está a sentir hoje —, talvez o Charlie não tivesse tantos problemas em abrir-se com ela.

— Sentes-te bem em relação ao dia de hoje? — pergunto. Não quero falar do almoço de Natal. O Charlie e o pai fizeram um plano de refeições para que o Charlie se sentisse preparado, mas li na Internet que falar com o Charlie sobre comida e estar sempre a comer fá-lo sentir-se pior.

— Eu estou bem — diz ele. Se calhar não devíamos falar sobre isso.

Chegamos ao fim do nível e eu digo:

— Temos de fazer a Rainbow Road antes de irmos trocar de roupa.

— A sério? Achas que consegues aguentar essa quantidade de fracasso absoluto?

— Nunca se sabe. Talvez tenha jeito para isso.

O Charlie ri-se de mim.

— Veremos.

*